

Corpo gordo anticapitalista

Por Malu Jimenez

O corpo gordo assumido é anticapitalista. Começo minha participação com essa afirmação, e a faço baseada em minhas pesquisas sobre o corpo gordo feminino durante os últimos cinco anos, período em que me debrucei atentamente e com vontade de entender o que significa ter um corpo gordo em nossa sociedade contemporânea e ser uma mulher gorda dentro da concepção social de que o único corpo possível e viável no mundo é o magro.

E digo isso porque o corpo gordo coloca em xeque, em questionamento, e denuncia, ao mesmo tempo, uma injustiça epistemológica, porque questiona e desmonta todo um aparato de controle sobre os corpos “dóceis” na construção da sociedade capitalista, que disciplina nossos corpos desde quando nascemos até nossa morte: como sentar, falar, agir, pensar, seu tamanho, etc.

Trata-se, portanto, de uma injustiça episteme no que se refere à construção do conhecimento sobre os corpos gordos, já que, durante séculos, nossos corpos foram percebidos, sistematizados e controlados como “coisas monstruosas”, que não deveriam existir dentro da sociedade heteronormativa, magra, branca e patriarcal.

É importante entender que, para a sociedade capitalista, só um corpo é possível: o magro, branco, hétero, jovem e masculino.

Dessa maneira, afirmo que o corpo gordo coloca em xeque saberes coloniais heteronormativos que propagaram e vêm propagando discursos, saberes, entendimentos e procedimentos que, há séculos, patologizam o corpo gordo dentro das universidades, consultórios médicos, hospitais, escolas, mídias, famílias e em tantas outras instituições que compõem a nossa maneira de entender e estar no mundo. Saberes que colocam o corpo gordo como marginalizado, inferior, sujo, excluído, nojento, improdutivo e como algo que não deve existir.

Assim, ter corpos gordos dentro desse contexto, falar deles, pesquisá-los e tê-los como tema de nosso ativismo, nossa arte, literatura, poesia e dança, dar aulas e cursos a seu respeito é criar uma nova perspectiva do que eles são, é entender que esses corpos são pessoas lutando por dignidade,

é contestar toda essa construção epistemológica de subjetividades capitalísticas violentas sobre nossos corpos. É entender que nossa maneira de ver e construir saberes, protocolos na patologização desses corpos nada mais é do que a repetição e a reafirmação de subjetividades capitalísticas construídas ao longo de nossas vidas no que diz respeito ao controle dos corpos.

Essa exclusão e aversão ao corpo gordo levam as pessoas gordas a sofrer, a ser tristes, depressivas e consumir “tudo” que prometa encaixá-las nesse mundo de corpos magros e belos, embora a maioria dessas promessas esteja muito mais ligada a interesses voltados à obtenção de lucro do que a realmente ajudar as pessoas a serem aceitas socialmente, e principalmente a se aceitarem. Ademais, a depressão tem sido a alteração afetiva mais discutida no mundo contemporâneo, causando descontentamento e modificando a percepção que as pessoas têm de si mesmas, levando-as ao isolamento e, muitas vezes, ao suicídio.

Consequentemente, um corpo gordo assumido, feliz e que entendeu que não há nada de errado em ser como se é, coloca em xeque esses saberes construídos com interesses mercadológicos, de impérios “trilhardários” que ganham muita grana com a perseguição à gordura. A proposta, aqui, é desmontar, denunciar, desprogramar a subjetividade capitalística na qual estamos imersas.

Ser gorde em nossa sociedade é entender tudo isso. E, portanto, é extremamente revolucionário, porque é uma nova proposta de ver e estar no mundo, é desobedecer a toda essa estrutura de controle. É romper com as regras que estipulam que existe apenas um tipo de corpo a se possuir, é revolucionar as concepções de que todo corpo gordo é doente e triste. É propor a si mesmo a criação de outro modo de ser e estar no mundo, outras sociabilidades, outras corporalidades, buscando outros saberes sobre nosso próprio corpo.

Eu diria, inclusive, que o corpo gordo acontece, e “acontecimento” é entendido aqui como algo que quebra a repetição do padrão, do que é imposto, é a subversão do exigido e valorizado pela concepção dualista moderna do que é “normal” e “anormal”, “saudável” e “doente”, “feliz” e “triste”.

Esse “acontecimento” como encontro com seu próprio corpo na sociedade CAPITALISTA é uma discussão ontológica sobre SER ao colocar o “acontecimento” como ponto focal de invenção social, de criação de mundos possíveis, defendendo, assim, o processo de experimentação e criação. O caráter imprevisível e arriscado do acontecimento está no corpo gordo.

O que quero dizer é que a ideia do corpo como resistência à padronização estética capitalista como capacidade do acontecimento político de empoderamento, como momento fundamental para abertura de possibilidades a novos mundos, do questionamento do indivíduo imerso ao sistema, acaba levantando uma vontade de oposição ao que já se vive, ao capitalismo e à sociedade de controle, capturando e revelando fluxos de crenças e de desejos contra a naturalização do sistema e reafirmando a revolução que o indivíduo pode se propor na abertura de uma possibilidade a novos mundos possíveis.

O corpo gordo assumido como é, é considerado um corpo político, ou corpos políticos, já que é o corpo indesejado, provocativo, inadequado, que subverte a lógica estabelecida e invoca a resistência nos espaços que ocupa.



03



CAMILA FONTENELE
Girls with curves - Natalie Mess
Ano: 2017





CORPO E MOVIMENTO

Por Vanessa Joda

É importante entender que, a partir do padrão imposto atualmente por esta sociedade patriarcal e capitalista em que vivemos, um corpo gordo é praticamente proibido de se mover. Isso se deve ao fato da gordofobia estar muito bem estruturada, institucionalizada e bem amparada nos pilares do capitalismo e do machismo. Logo toda a estrutura de sociedade que nos cerca hoje não comporta o corpo gordo. Os acessos são negados desde a hora que você pensa em sair de casa. Até mesmo quanto ao que há para vestir, pois, acreditem, se mal tem item básico, como calcinha, para uma pessoa que veste acima de 54, imaginem se haveria roupas. Como chegar a qualquer lugar, se nem sequer sabemos se caberemos no banco do trem, se conseguiremos descer pela frente do ônibus sem sofrer humilhação, porque a catraca nos entala desde sempre, se no destino terá uma cadeira em que caibam nossas ancas ou se teremos que ficar ainda em pé, mesmo depois de todo o trajeto ter sido, provavelmente, sofrível da mesma forma. Se nos são negados acessos e direitos básicos como vestuário, locomoção e saúde, imagina existir nas artes, dança, atividades físicas e esportes. Desde que nascemos, somos todas ensinadas a basear-nos nesse padrão capitalista e machista, esse recorte branco, magro, elitista, cis, hétero e de corpo normativo, e tudo reforçado pela mídia, consumo e indústria de emagrecimento e beleza. Desde quando as pessoas têm qualquer tipo de consciência, e estou me referindo da primeira consciência, lá na infância, são ensinadas a odiar seus corpos. Se você tem um corpo que foge do padrão, isso faz com que você não tenha nenhuma conexão com ele, que você fique refém desse sistema, brigando com seu corpo e capitalizando ainda mais essa indústria do emagrecimento, que mata milhões de pessoas com promessas mentirosas de colocar você nesse padrão. Falando por mim, eu escolhi a yoga como movimento, como maneira de colocar meu corpo gordo no mundo. É através dela que milito, que ativo, que me sustento tanto financeiramente como emocionalmente, mentalmente e fisicamente. É através dela que existo e resisto. Escolhi essa prática não só como atividade física e de equilíbrio e bem-estar emocional, mental e físico, mas também como uma filosofia de vida. Essa filosofia chamada hatha yoga vem do tantrismo, movimento que é uma contracultura à Era Védica, essa extremamente conservadora, em que somente castas mais altas tinham acesso à prática de yoga. A hatha yoga vem como uma revolução libertária, mostrando que qualquer pessoa pode e tem direito a acessar essa prática de autocuidado, autoconhecimento, autogestão. Qualquer semelhan-

05

ça com o anarquismo é mera coincidência rs. Mas quando essa filosofia libertária milenar chega aqui no Ocidente é cooptada pelo capitalismo, inserindo-se num recorte elitista, magro, branco, cis, hétero e de corpo normativo, totalmente oposto ao recorte real, que é para todos os corpos. A primeira vez que senti a yoga foi logo na primeira aula. Naquela época eu tinha recém me libertado das anfetaminas e dietas para emagrecer, pois tomei um susto que me fez decidir viver gorda em vez de morrer para ser magra.

Confesso que ri quando me falaram da alternativa da yoga para me ajudar com o estresse muito grande pelo qual passava com o trabalho. Eu era um robozinho do sistema, trabalhava numa multinacional americana que me tirou qualquer chance de ter saúde. Eu fui desconfiada para a aula, mas fui. Naquela época ainda não se falava em gordofobia, então eu ainda não me entendia como uma mulher gorda, mas já tinha noção de que meu corpo não era bem-vindo ali. Não havia uma pessoa que tivesse um corpo parecido com o meu, eram todos corpos magros. Tive a sorte da minha primeira prática ter sido extremamente acolhedora, onde tive segurança de fazer esse mergulho, essa imersão dentro de mim, sentir como se eu voltasse a habitar meu corpo. Foi mágico reconhecer a potência desse corpo em movimento, saber que ele é capaz, mesmo com uma sociedade inteira dizendo o contrário.

A partir desse dia, tudo na minha vida mudou. Ali se iniciava meu processo de desconstrução desse padrão imposto e a construção de autocuidado, a percepção de que todos os corpos têm os mesmos direitos de existir e que os errados eram a sociedade e o sistema capitalista, não eu. Ali eu começava a militar, a resistir como único corpo gordo em todos os lugares de yoga que frequentei na vida, seja para praticar, seja para dar aula, e só parei de ser exceção quando criei um espaço para que todas as pessoas gordas pudessem ter a mesma experiência que eu tive naquele dia, de se reconectar, de se amar, de se acolher, de se abraçar, de se mover, movimentar. A yoga foi a primeira atividade que fiz cujo objetivo principal não era emagrecer, e sim me conhecer e me cuidar. Foi esse ato libertário que me fez entender que é mais fácil culpabilizar um grupo de pessoas do que reestruturar esse sistema colonial e arcaico, onde o capitalismo e o machismo são pilares sólidos para a manutenção desse padrão e de preconceitos.

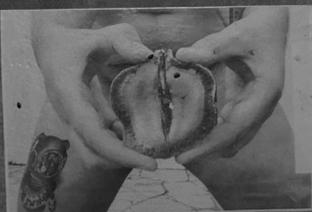
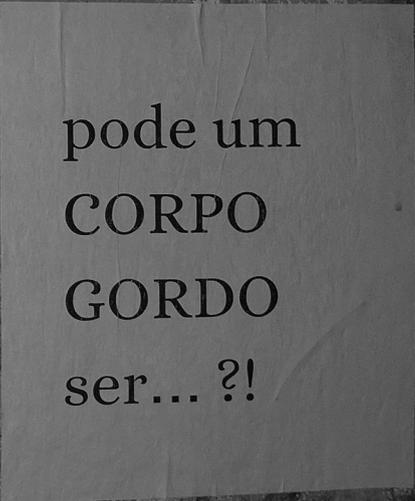
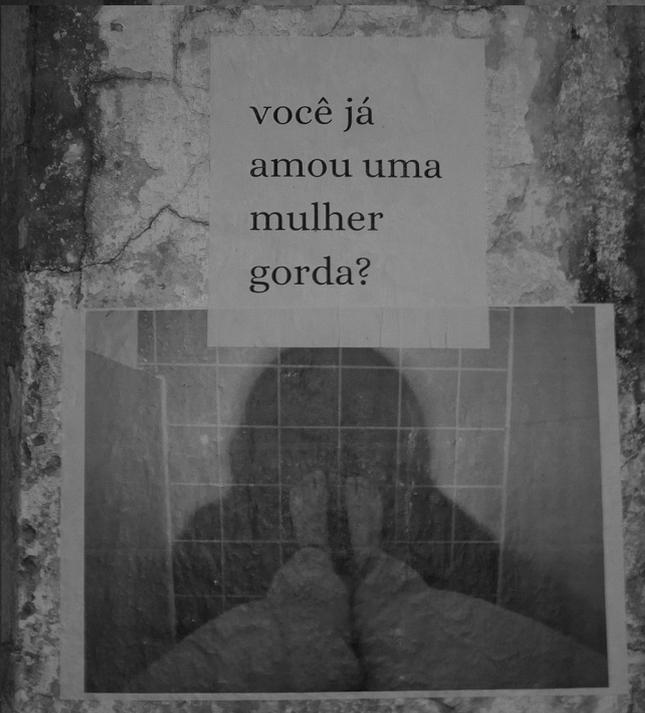
O corpo anticapitalista se move livre, liberto, forte e atento. Independentemente do jeito que seu corpo gordo se reconheceu e se reconectou para se mover, saiba que é um corpo anticapitalista que se move, pois só de ser um corpo gordo vivo e pulsante neste mundo, é um corpo anticapitalista que existe e resiste.





com
quantas
amigas
gordas
você
dançou
até o
chão?

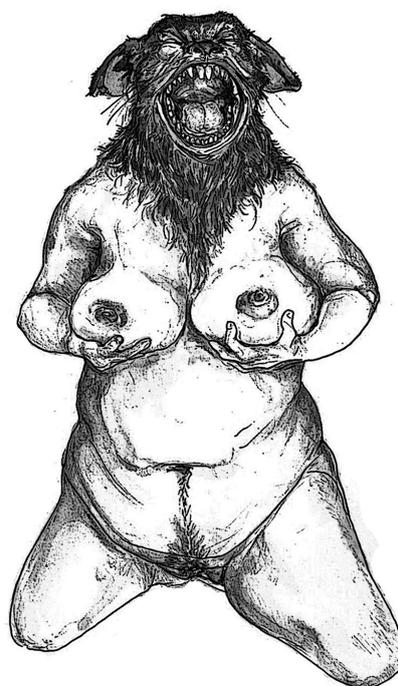




PAULA MELLO



A CORPA
LÉSBICA
GORDA



Constanza Alvarez Castillo
Ilustração de Lino Arruda





Trad. FG | JORNAL DE BORDA
DEZEMBRO DE 2020







Fomos construídas com base em um desejo heterossexual, desde um olhar androcêntrico, para sermos desejadas por e para um homem. Eu me definir como lésbica, abortar esse olhar sobre mim e sobre as outras garotas ao meu redor, foi o primeiro exercício de desaprendizagem. Foi me olhar a partir de um outro lugar. Revendo a minha memória, sempre gostei de meninas, mas continuava a ver minha corpa em função do desejo masculino, digo masculino porque esta forma de me sentir desejada não se manifestava apenas nos corpos de macho.

A lesbianidade e a corpa lésbica são como um exercício de reconstrução da memória e de desdesenho de um pensamento heterossexual. Rever nas histórias de nossas





vidas o desejo como uma construção necessária para destruir. Esquadrinhando e esmiuçando memórias, resgatando as amizades, os contatos com as garotas, os sentimentos, os pensamentos, descobrimos que a heterossexualidade nos separou de muitas amigas, que, ao começarem a descobrir uma heterossexualidade imposta como *natural*, nos fez esquecer aqueles contatos íntimos que não eram necessariamente sexuais entre meninas. Descobrimos que as relações entre mulheres eram separadas, não de forma explícita, mas como um acordo social tácito ao qual todas respondemos em algum momento de nossas vidas. Uma forma específica de ser mulher, permitindo apenas que os sentimentos de inveja, competição e ciúme surgissem entre nós, enquanto os meninos, em matilha, criavam sua camaradagem de privilégios *naturais*.

Ser lésbica transformou-se em uma desobediência ao nosso dever ser *mulheres*. É começar a nos amar a nós mesmas como indivíduos, já que deixamos de nos sentir como seres inferiores em função do homem, de nos definir tal qual faz o patriarcado conosco. É começar a parar





de nos comportarmos heterossexualmente, como sujeitas complacentes, bajuladoras e competitivas. É politizar nosso dia a dia, nossa corpa, parar de nos sentirmos estranhas em nossa própria pele. Isso é tornar o patriarcado e a heterossexualidade visíveis como um regime que se manifesta em nossas vidas inteiras assassinando meninas, mutilando corpos de mulheres, trans* e intersex*, definindo-nos com base em um binômio (homem - mulher), e lutar para abortá-lo, desaprendê-lo. Começar a nos questionar: quem me nomeou mulher? O que é ser mulher? É o desejo heterossexual natural? Serei lésbica? O que é ser lésbica? Ser? Estar? Como construí minha corpa?

Politizar a corpa, a experiência. A lesbianidade política como uma aposta radical, por algo que não se nomeia, omitido e ignorado. O que é dito sobre as lésbicas geralmente se refere aos discursos populistas, de massa e LGBTQ+, que poderia ser traduzido em uma lesbianidade heteronormada que está na diversidade do capitalismo e seu mercado. Lésbicas radicais, ao abortar o regime heterossexual, recusamo-nos a: parir, educar-nos em sua





escola, casar-nos, estar aptas para o amor romântico, estar à mercê do parceiro e/ou qualquer tipo de dominação patriarcal que restrinja nossa liberdade.

Redefinir, desaprender e tentar desarmar o conceito de mulher, como disse Simone: “Você não nasce mulher, você se torna uma”, e todos os dias revivemos como chegamos a ser. Perguntar-se, questionar, tentar desmontar para, talvez, pensar em nós mesmas de outra maneira, criar, desaprender, tornar-se. Criar relacionamentos políticos com corpos lésbicas que fogem da norma, que escapem, sem necessariamente ter uma “vagina natural”, não por ter uma buceta você é um corpo político, biologia não é o destino.

Lesbianidade radical como a criação de amizades políticas, grupos de afinidade, sem esperar a aprovação de uma autoridade.

Reconheça, como Wittig diz, que fomos atribuídas a uma certa classe chamada mulher, oprimida por uma classe privilegiada homem e que a forma de nos libertarmos é destruindo em nós mesmas a categoria de opressão, “não há senhores sem





escravos, não há homens sem mulheres”.
Abortamos nossa classe imposta, porque
temos potencial para ser algo diferente do
que nos ensinaram como natural, do que nos
ensinaram que poderíamos conhecer como
um corpo: “as lésbicas não somos mulheres”.

**Escolho do Rascunho para um dicionário
das amantes¹ por Wittig e Zeig:**

Amantes: *as amantes são aquelas que,
experimentando um desejo violento umas pela
outras, vivem/amam em vilas, de acordo com os
versos de Safo, “na beleza cantarei para minhas
amantes”.*

*As vilas das amantes reúnem toda a cultura, o
passado, as invenções, os cantos e as formas de
vida.*

Deserto: *antigamente, terra árida, extensão de
areia. Hoje em dia, qualquer lugar não habitado
por lésbicas. Daí a expressão “viver em um deserto”.*

Perdida: *diz-se de alguém que está “perdida”
quando não vive com lésbicas, em vilas de
amantes.*

Lésbica: *aquela que mora em uma vila de
amantes, aquela cujo interesse é direcionado
principalmente para suas amantes, aquela
que sente um desejo violento por suas amantes,
aquela que “não vive no deserto”, que não está
“perdida”.*

1 Brouillon pour un Dictionnaire des Amantes.





Para nos tornarmos *amantes*, não habitar o *deserto* nem estarmos *perdidas*. Habitar a corpa e o desejo como lésbicas.

Uma amante *sapatrans* uma vez me disse que as lésbicas políticas foram construídas a partir da lesbofobia e que nós, lésbicas radicais, somos construídas a partir do prazer. Essa frase ficou comigo por muito tempo dando voltas na minha cabeça. Eu entendi as diferentes maneiras de construir uma corpa lésbica, a heterossexualidade o constrói apenas a partir da falta, da carência, como se algo precisasse ser concluído, e as que politicamente nos apoiam não conhecessem o desejo da corpa lésbica como construção de um novo prazer contranormativo. Definir-se como lésbica por meio da lesbofobia, por meio do ódio, por meio apenas da violência recebida por uma corpa é minimizar nossa alegria e motor de energia lésbica. O prazer de ser sapa e gozar com outras sapas, suas corpas, seus fluidos, suas letras, suas palavras, seus gestos, suas formas, seus interesses. O prazer de estar com outras lésbicas, de deixar a corpa.





**Como
eu
penso
uma
corpa
lésbica
gorda?**

Desdesenhando as linhas da heterossexualidade e sua beleza manifestada em 90-60-90 centímetros de desejo varonil. Desprogramação do desejo alheio e pessoal, sabotagem sexual, hackeagem do corporal, práticas não reprodutivas, desejos sabotados, uma corpa poética, sem sentido. Como diz Valeria Flores: “O corpo lésbico não tem seus limites no invólucro carnal delimitado pela pele.”²

2 *A frase é do livro Deslenguada, de Valeria Flores.*

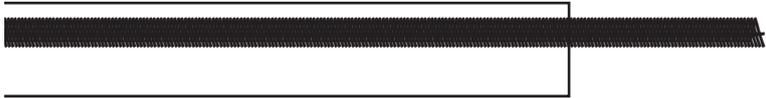




Transmutar as corpos, misturá-las;
corpos atacadas, com cicatrizes, felizes;
minha corpa é minha
e, às vezes, também é sua, de outras,
desdesenhar com outras peles lésbicas,
outras corpos lésbicas fazendo fusões
temporárias,
a penetração deixa de ter o papel principal,
de um vírus, de um contágio.
Nem magras, nem gordas,
nem mulheres, nem trans*,
corpos lésbicas no deleite de (não) ser, dos
fluidos corporais,
misturebas lesbo-afrodisíacas que
emanam de nossas peles, da energia, da
vitalidade. Sair de ser eu, me perder na corpa,
desorganizar as corpos sem segmentá-las
em lugares de privilégio.

contornar uma corpa lésbica
criar/chupar/tocar/deleitar/diagramar
corpos/sentidos/afetos/movimentos
vaivéns sonoros
retumbam no cérebro
como eletricidade
do sem saber querer sabê-lo





corpas lésbicas
(de) construindo-se pelo prazer
quebras de costumes, explosões de hierarquias
o regozijo de papear/caminhar/rir/jogar/
conhecer
olhar/tocar/penetrar/gozar/sentir
abraçar/pensar/escutar

desenhar a corpa lésbica
cartografando o desejo, a metamorfose
construindo a mim mesma
tocando/articulando/amassando
afinando contornos
criando/sabotando/desdesenhando limites

corpas lésbicas no deleite de (não) ser
me intercalo nos fluxos
ESTOURA
orgasmo de tua palavra
ficções/momentos/presente/fricções

desvelo a memória
e insetos sobem pelo meu ventre
as ondas me consomem
aquosa/retumbo/caio





me encontro, te perdes
nos encontramos – erupção –
explode/estoura/desprende
... “esfregar a língua contra a linearidade
gramatológica dos nomes”
o tempo e sua hierarquia
que trata de anular intensidades
me defines
arranhões de dor
queimaduras do passado
um corpo que transpassa por outro sem
possuí-lo
OKUPANDO-O
um transitório lar compartilhado
abrigo/contenção/um momento
línguas pensadas, mal ditas

porque as palavras deste mundo
não chegam
nem se comparam a nossas
potencialidades

não busco nada
nada me foi roubado
transitar/voar
na sintaxe do





(im) possível

as distâncias só são ficções
criadas pelo medo de não possuir
preciso/escapo/okupa

tudo fica aqui
SOZINHA
contemplo o
MAR

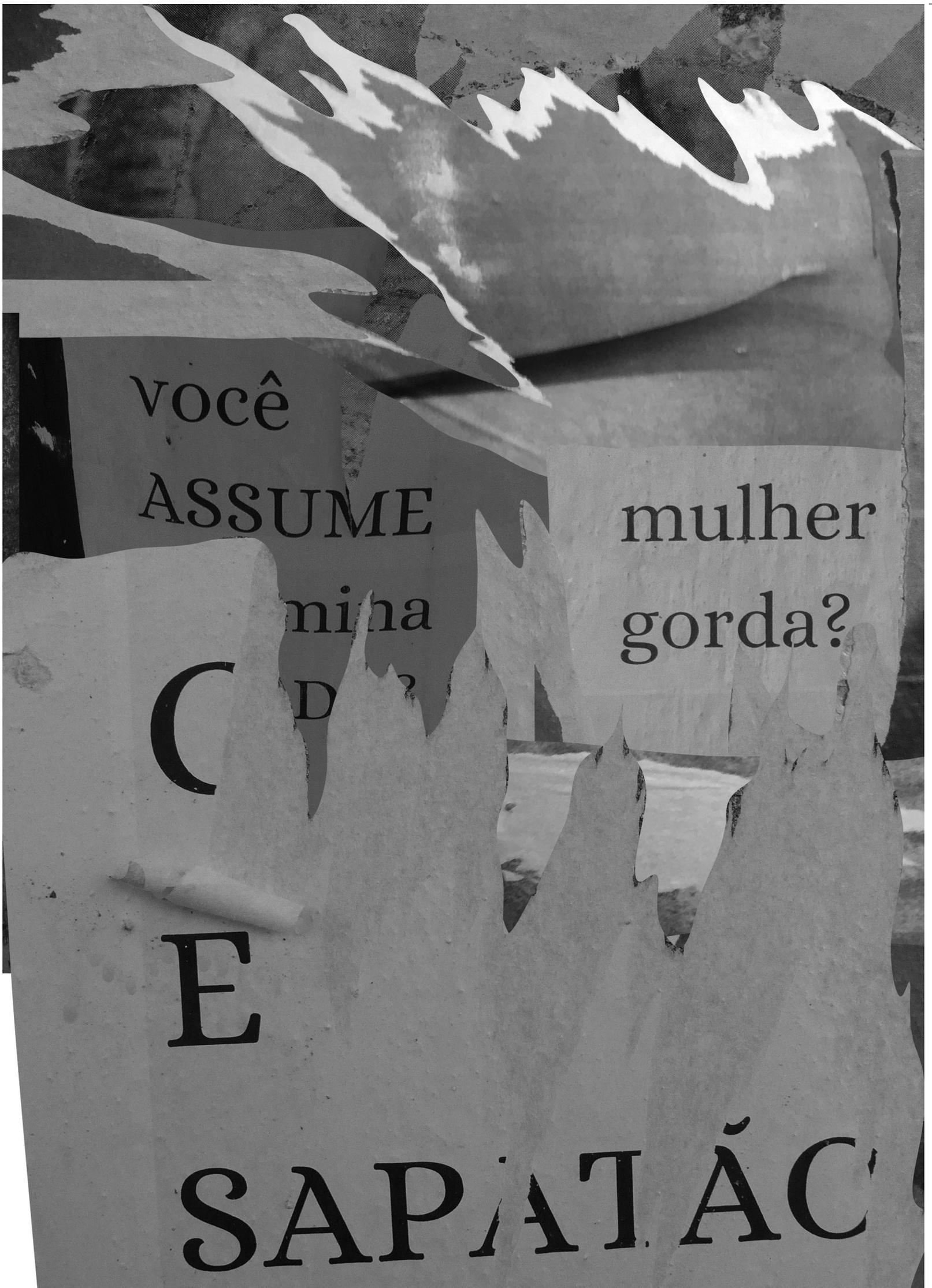




O texto é uma tradução de um capítulo de *La cerda punk. Ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista*.
Valparaíso: Trío Editorial, 2016.

Texto: Constanza Alvarez Castillo.
Ilustração: Lino Arruda
Tradução: FG
Tipografias: Montserrat e Dead





você

ASSUME

mulher

gorda?

mina

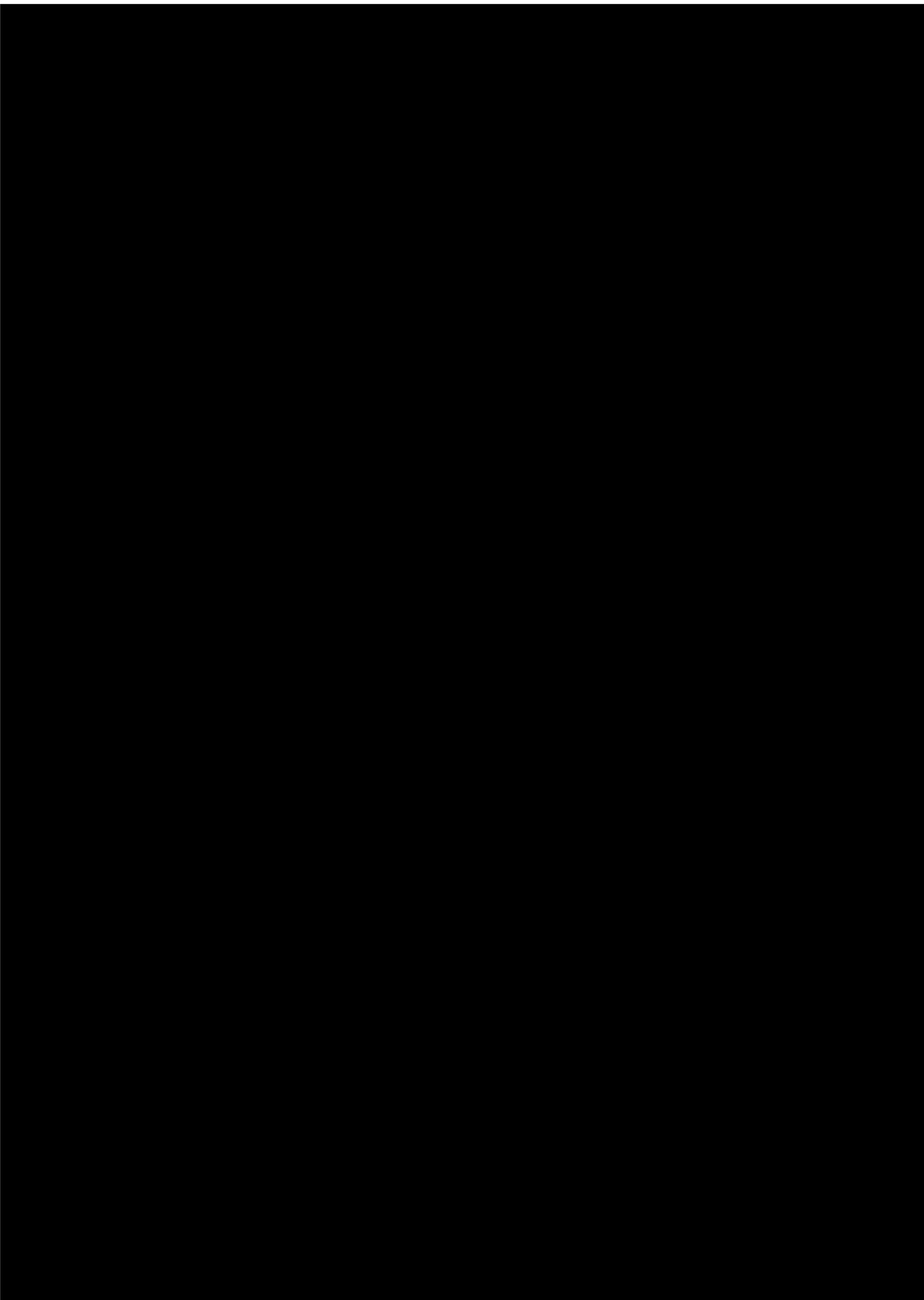
C

D

E

SAPATÃO





FERNANDA MAGALHÃES

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER GORDA NUA NA FOTOGRAFIA - GORDA 21
(COLAGEM FOTOGRÁFICA ANALÓGICA COM FRAGMENTO DE FOTOGRAFIA
DE SANDRA BORDIN E FOTOGRAFIAS E TEXTO DE FERNANDA MAGALHÃES,
1995)







13

FERNANDA MAGALHÃES

GRASSA CRUA
(FOTORIO RESISTE - RETRATO ESPAÇO CULTURAL, RIO DE JANEIRO, 2018
FOTOGRAFIAS POR NANA MORAES)





Permanecer para Resistir

Por Fabrina Martínez





O corpo gordo precede o capitalismo, e somente agora ele é visto como um corpo útil a esse sistema, desde que ocupe a posição de consumidor. Pode parecer que essa lógica se aplica a todos os corpos, mas não. Pessoas gordas existem desde sempre.

Há registros históricos sobre corpos de todos os tamanhos. Todos mesmo. Contudo, a percepção que tenho é que corpos maiores só foram percebidos pelo capitalismo há pouco, e ainda geram algum ruído nesse sistema.

Afinal, uma pessoa gorda que consome é uma pessoa. Mas uma pessoa gorda que trabalha não é uma pessoa, mas uma bomba relógio. A primeira vez que pensei em algo do tipo foi ao assistir a uma roda de conversa sobre gordofobia mediada por uma amiga.

Ela é professora e há muito tempo trabalha em escolas públicas. Amiga, obrigada por seus serviços. (Sempre bom agradecer, certo?) Pois bem, algum tempo depois, ela passou num concurso público para professora e foi impedida de assumir o cargo por ser gorda. Para assumir o cargo a que tinha direito, ela teve que processar o Estado. E venceu. Ao falar disso, ela explicou que corpos gordos – como o meu, o dela e talvez o seu –, são considerados

inadequados até para fazer as coisas que eles já fazem. Exato! Por vários motivos, ela era aceitável na posição de professora desde que não houvesse vínculo.

Um dos motivos? Patologização. Ou seja acreditar que todo corpo gordo é um corpo doente.

O corpo gordo está à margem desde o seu nascimento. Nem nesse momento a palavra gorda é apenas uma característica. Uma criança gorda é uma criança desejável até que seu corpo se torne um problema e precise ser emagrecido. O verbo é este: precisar. O que entendemos como padrão é aquilo que melhor se encaixa às necessidades do capitalismo, e não às nossas. Isso não é novidade para nenhuma pessoa gorda. A ativista Rachel Patrício fala uma coisa que considero maravilhosa: se ela entrar nua num shopping com um cartão sem limite de gasto, ela sai nua. Pessoas gordas não compram roupas em solos sagrados do consumo.

Quando criança, eu notava que, ao contrário das minhas amigas magras, eu não tinha o direito de escolher o que vestir. Era o que tinha. Serviu? É legal? Compre agora, porque o depois é incerto. Num mundo em que



o consumo é urgente e necessário, o corpo é rejeitado sem qualquer tipo de constrangimento. Aqui precisamos tomar cuidado para não cair na armadilha que essa linha de raciocínio é para que o corpo seja aceito pelo capitalismo. Não, de modo algum. O que precisamos, independentemente do nosso tamanho, é outra coisa, outro sistema, outro entendimento.

Enxergar uma pessoa gorda como consumidora é algo muito recente e revelador sobre a condição do corpo gordo na sociedade. Há poucas opções direcionadas para que as pessoas gordas sejam apenas pessoas. O grande foco do capitalismo é a indústria do emagrecimento (custe o que custar). Pode ser um gel, uma pílula ou uma bariátrica. Esse é um dos poucos momentos em que a pessoa gorda é realmente vista como consumidora e tem à sua disposição uma variedade de opções. Consumir para emagrecer e emagrecer para consumir mais. Quando penso nesse contexto, gosto de pensar nas pessoas que sempre foram gordas. Quem nunca coube em expectativas, padrões e normas da sociedade. Ser uma pessoa gorda desde sempre é saber que estar de dieta é uma obrigação e que, portanto, emagrecer é seu triunfo, e o consumo é o prêmio. Ter qualquer roupa, caber em qualquer lugar. É uma perspectiva de vida perversa. Diminuir para caber e caber para consumir. A existência do corpo gordo é, por si só, uma afronta. A despeito da idade.